

## alguns caracteres lúgia oliveira

Personagens: um e outro.

Ato Um: FICÇÃO

Alguns pequenos deslizes. Esses que são reflexos de pequenos desejos, suposições.

(Dor de cabeça. Dor de Dente. Comida Estragada. Gravidez. Soro. Dor no pescoço. Gastrite. Salto Alto. Cateterismo. Gravidez. Dor de dente, os 36. Muita, muita, muita dor de barriga. Dor de cotovelo também. Ressaca. Chá com bolacha. Dor, dor de cotovelo. A.S. todos os dias. É bom não é? É docinho...)

Na ficção, cada palavra é dita em um espaço de 10 horas de silêncio. O diálogo então, dura uma vida inteira. Na realidade, as palavras saem correndo, cuspidas.

- Pára com isso.
- Não, não paro, nem fodendo
- Eu vou subir, pegar as coisas do armário.
- Não esquece as roupas no varal e as do cesto de roupa suja.
- Não vou esquecer.
- Melhor assim.
- O cachecol azul também.
- Ok.
- Pra onde você vai?
- Não importa, você vai atrás?
- Quem sabe
- Não vai.
- Não vai.
- Não vou.
- Melhor assim.
- Me dê um beijo.
- Ok.
- (uma bofetada. O espírito de Nelson Rodrigues paira sobre o ar).
- Pega um copo para mim?
- Pra quê?
- Vou recolher esse sangue todo.
- Mesmo a mancha no tapete?
- Sim.

- Ok.

(volta dois minutos depois. Carrega uma caixa d'água).

- Thanks

- Melhor assim.

(recolhe todo o sangue. Menos o do tapete)

- Esse vai ficar ai?

- Sim.

- Esse eu deixo pra você.

- Ok.

- Você vai demorar séculos.

- Sim, pra alguém sempre demora.

- Ok.

- Ok.

(tira do bolso uma concha. Não quer mais ouvir. Agora, só diz coisas, muitas. Todas registradas. Uma canção)

- Vai ser assim sempre, não é?

- Sim, se você quiser acompanhar, eu vou postar todo dia na internet.

- Ok.

- Fique bem, são só 140 caracteres.

- Ok.

- Não to esquecendo nada?

- Não.

- Ok.

(um sai e o outro fica).

FIM

## C H O V E A N O I T E I N T E I R A .

Um acorda e vai até a sacada. De pijama. Toma seu banho matinal. De chuva. A noite inteira. Volta ao apartamento, chuva, nos cabelos, na ponta dos dedos, no pijama. Chuva. O apartamento não fica em Curitiba. Chuva. E o outro está na cama. Pijama sequinho. Um deita molhado na cama. O outro sequinho se levanta e sai do apartamento. Lá fora, sol. Um fica na cama, de pijamas, molhados.

FIM

Neste momento, o público abre uma pequena bolsa amarela. Na bolsa amarela está um fura dedos. O público tira o fura dedos da bolsa amarela. O público fura com o fura dedos a ponta de todos os dedos. As ações acontecem de forma coreográfica. O público executa as ações de forma coreográfica. O público tem na ponta dos dedos. As mãos um jardim das cerejeiras.

FIM

(um vai em direção ao carro. Aperta o alarme. A porta abre. Um entra no carro. Primeiro a perna direita, obviamente um está no banco do motorista. Atrás o outro, no banco do passageiro à direita).

- Foi lá?

- Sim, fui.

- Ok.

(um coloca marcha re no carro)

- Ok?

- Ok.

(um acelera em marcha ré)

- Melhor assim.

- Melhor assim.

(a marcha ré bate bunda com bunda com o carro que estava atrás.)

- ta na contra-mão.

(coloca na primeira marcha. Acelera um pouco. Logo em seguida coloca a marcha ré. Acelera abruptamente. Bate bunda com bunda com o carro que estava atrás).

- Você assinou?

- Sim, custou 500.

- Custou o nosso apartamento.

(o carro vira à esquerda. Pega a mão inglesa. Escutam John Lennon. Mão inglesa, piada infame, ordinária.).

- Ironias da vida.

- Sim sim.

(Um acelera. O outro revela atrás, no banco do passageiro à direita, um outro acelerador. O outro com um outro acelerador, acelera. Um vislumbra um poste. O outro acelera. Eles batem, na mão inglesa ao som de John Lennon. Eles morrem.). Eles dormem, desmaiam.

FIM.

UMA NOTA AGUDA NO PIANO. TOCADA REPETIDAMENTE DURANTE ANOS.  
SERÁ UM DÓ? OU SI SUSTENIDO?

FIM.

Após a batida, um levanta e vai à cozinha. Bate uma vitamina. Maçã, banana e açúcar mascavo. O outro também vai até a cozinha. Toma a vitamina. O sol entra pela janela. Está nublado, muitas nuvens. O sol entra pela janela como se dissesse: Vão se fudê. Em silêncio:

- Tudo pronto?

- Sim.

- Sim?

- Sim.

- O combinado era...

- Qual era mesmo o combinado?
- Eu no seu estúdio.
- E você na biblioteca.
- Ok, já lembrei.
- Ok, já lembrei.

Eles se direcionam, cada um para um cômodo.

- um sai vai até o estúdio e atea fogo em todas as guitarras, como Jimmy Hendrix. E quebra todos os seus violões, como Otávio Camargo.
- o outro vai até a biblioteca, com um máquina de cortar papéis, elétrica e durante dias fica cortando todos os papéis do escritório, todos os livros, recados, inclusive o computador vai para a máquina. De cortar papéis.

Eles se encontram novamente no cômodo inicial. Pegam suas malas e saem.

FIM.

Uma criança. 2 anos, nem mais nem menos. Uma mesa. Uma cadeira. Uma criança. 2 anos. Talvez 3. A criança sobe na cadeira. A criança sobe na mesa. A criança. 2 anos nem mais nem menos. Uma mesa. Uma mesa com um vaso de flores artificiais. Cheiro de cemitério. Cheiro de flores artificiais em cemitério. Uma garrafa de álcool sobre a mesa. Um vaso de flor sobre a mesa. Artificial. Câmera lenta. A criança de 2 anos, não menos que 1, sobe na mesa. Passa pela flor. Vai até a garrafa de álcool sobre a mesa. A criança bebe o álcool sobre a mesa.

(A criança, ela morre, e então, eles morrem também, esse amor.).

FIM.

um entra no palco com 5 pacotes de açúcar refinado. Abre cada um dos pacotes e despeja no canto esquerdo do palco. Os cinco pacotes. Sai. Antes disso um gato passeia sobre o palco. O gato sai.

Ato dois: REALIDADE (se assim podemos dizer.).

MONÓLOGOS. 2 MONÓLOGOS: 1 DIÁLOGO.

- ok, melhor assim. Comecemos: Alegretto: Na primeira canção que eu fiz pra você, eu dizia que a sua diabete só te tornava mais doce, se é que isso é possível. Você chorou e ficou uma semana sem atender minhas ligações. Adágio: Eu sempre sonhei ter um filho. Você nunca, nunca. As canções todas que eu compunha serviam pra sanar um pouco essa falta. Por isso

eu ficava horas e horas no estúdio. Você sempre riu da minha cara. Mas ok, melhor assim. No mínimo as horas e horas com a guitarra no colo, como um filho, me fizeram parir algumas canções. E mesmo você não querendo ouvir, colocando caixas de ovos por todo apartamento eu preciso te dizer que si sustentado não existe! Ok, você vai me dizer que é uma "licença poética", mas não adianta! As pessoas podem ler e achar que você acha que existe. Pode ficar ruim, assim, pra sua reputação. Ok. Eu sei que você não liga mas você tem que entender que pra alguém que vive disso um si sustentado é inaceitável... Ok (pausa semibreve) mas isso tudo é só pra te dizer que eu não acho que você é um fracasso e que não importa por quantas crises artísticas você vai passar, no final das contas é sempre tudo uma grande frescura. A gente topou fazer isso, essa quantidade infinita de fins, mais por vontade de fazer canção do que por precaução ou medo. Como vai ser? Não sei. Tantas vezes pensei que fosse a última briga, o último silêncio e tudo ia acabar como em fade out. (desculpe o parêntese, mas eu tive que dar uma pausa e dedilhar algumas seqüências no violão, se eu não parar tudo e ir até as cordas, a melodia voa, nunca mais volta, e como tenho pouco apreço com as palavras...) chega de flagelos. Chega de brincar de guru da própria vida. Chega de adivinhas, de... Eu sei que você precisa disso tudo, mas me deixa fora. Pra mim essa tua curiosidade é só um desejo reprimido. Porque eu nunca sei o que se passa ai dentro. Eu nunca sei o que você quer com essas palavras todas. Com esses fins alegóricos. Às vezes ficar em silêncio já basta pra acalmar tudo ai dentro. (silêncio). Lento: eu adoro levantar de manhã e encontrar na cabeceira do quarto um copo de leite com frutas, mesmo sabendo que você já foi há horas. Que já resolveu mil coisas por ai, enquanto eu me viro no edredom. E depois, quando eu faço uma canção, a partir de uma frase qualquer dita por qualquer trouxa por ai, só faço pra você ouvir. Por isso eu topei escrever e compor tudo isso contigo.

TODAS AQUELAS MORTES, TANTO SANGUE, UM ENTRA E SAI SEM UM TCHAU DE VERDADE... SÃO TANTAS COISAS: 500 PARA DAR ENTRADA NA SEPARAÇÃO, DIVIDIR OS CDS E DVDS, OS LIVROS... PRA QUÊ? É ISSO QUE VOCÊ QUER MESMO? OK, VAMOS ATÉ O FIM COM ISSO. VOCÊ ESCREVEU TUDO ISSO PRA GENTE NÃO TERMINAR? PRA FICÇÃO ENGOLIR A REALIDADE?

E então? (pausa) E se depois disso, dessas palavras todas, o fim inevitavelmente chegar, eu vou ter certeza de que sim, sempre faltam alguns instantes, algumas palavras, uns silêncios...

- Isso não é nada. Nada mesmo. Até mesmo porque você pode ler tudo isso e relacionar com o que quiser. Não, eu não leio a mente de ninguém. Não, eu não tenho o grande olho que tudo vê. Guru? Nem pensar. São só palavras. Você por acaso já leu o lser??? Deixa pra lá. É ridículo. Ok, mas eu to aqui pra falar que quando a gente começou a escrever tudo isso e

you no quarto do lado estudando canção, compondo canção, eu realmente pensei que isso tudo pode realmente acabar. Eu morro. Você morre. E acaba. E que, mesmo todo mundo pensando e querendo que tudo isso acabe antes, eu sempre acho que falta um instante, um segundo e que ainda não deu tempo pra nada... Mesmo quando acabar de verdade, ainda vai faltar tempo. Porque sempre vai acabar. Vai acabando, saca, a tinta da caneta... Vai perdendo cor, falhando. E que mesmo eu escrevendo no Word e esquecendo de salvar a coisa já tá aí, já nasceu, já vive e não vai ter fim, entende? Mesmo se ninguém lembrar... Se o computador der pau. O fim já existe. E a gente, na verdade, não precisa acabar na realidade, saca? É sempre tão frio assim? É, é sim... Coloca a meia, não pega chuva, lembra do guarda-chuva, um sapato que não molhe o pé. Ok, eu sei, se eu soubesse dirigir eu ia de carro, mas eu não. Eu pego ônibus. Mas sim, eu acelero muito escutando Robertão nas curvas da estrada de santos, mesmo que de ônibus... Acelero mais que você, quando no comando...

NO FIM DE CONTAS, TODO ESSE TEXTO EXISTE PARA QUE O FIM EXISTA EM ALGUM LUGAR, DE ALGUMA FORMA. NÃO, EU MATO VOCÊ COM AS MINHAS PALAVRAS E VOCÊ ME MATA COM OS SEUS SONS: TODOS ACORDES MAIORES, UMA DICOTOMIA.

Fim com olhos roxos, no tribunal, decidindo com quem fica o gato de sete vidas e algumas páginas por rancar. Aqui há tantos fins para que isso aconteça, como você sabe que vai acontecer, como eu sei, é só escolher... Mas por favor, agora não... Falar de outras coisas, outras pessoas e no fundo não importa. Há um piano, uma sétima menor, sempre menor. Uma tristeza que vem sei lá de onde. Uma verborragia com desejo de grilos, de mato, ventania, fim de noite na fazenda... A morte do teatro, da ficção. A morte da platéia. Por favor, agora não... A gente mata tudo depois.

## **ATENÇÃO!**

O acervo disponível para consulta neste site é composto de obras desenvolvidas pelos alunos do Núcleo de Dramaturgia do SESI/PR, e foram disponibilizadas tão somente para fins educacionais. Desta forma, é vedado ao usuário ou qualquer outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo deste site, copiar, modificar, transferir, sublicenciar, vender, ou de qualquer forma, colocar à disposição de terceiros, sem autorização do detentor dos direitos autorais.

Contato da autora: Ligia oliveira  
Email: oli.ligia@gmail.com

